Atmavidyavilasa

De Swami Sadasiva Brahmendra

Tradução em inglês de S. N. Sastri

Tradução em português de Eleonora Meier – 2018

Disponível em
https://sanskritdocuments.org/sites/snsastri/atmavidyavilasa.htm

1. Eu reverencio o Guru primordial indescritível (Dakshinamurti) que reside ao lado de uma figueira, cuja mão de lótus exibe brilhantemente a ‘jnana-mudra’ (na qual as pontas do polegar e do dedo indicador da mão direita se unem), que é o broto da bem-aventurança que é a libertação.

2. Eu saúdo as sandálias sagradas do nobre Paramasivendra[1], que são o barco resplandecente que resgata as pessoas que caíram nesse oceano ilimitado de existência transmigratória, e que são peritas em refutar as ideias erradas de outros.

3. Eu, em quem a glória divina foi despertada pela instrução de meu Guru Paramasivendra, amavelmente apresento essas poucas passagens para o propósito de permanecer em meu próprio Eu.

4. O Eu supremo brilha como incomparável, eterno, sem ação, imparcial, além do controle da Maya, livre dos três gunas (sattva, rajas e tamas), sem forma, além de todas as concepções erradas, puro, e a própria consciência.

5. Limitado apenas pela sua própria ignorância, realizando várias ações, o indivíduo permanece iludido. Por boa sorte ele é libertado da escravidão pelo conhecimento do Eu como resultado da contemplação e emerge vitorioso.

6. Adormecido por causa da Maya, o indivíduo vê milhares de sonhos. Um indivíduo excepcional é despertado desse sono pela instrução de seu Guru e brilha no oceano de bem-aventurança.[2]

7. Abandonando o estado de ignorância e atingindo a sua própria natureza que é existência-consciência-bem-aventurança pelo olhar compassivo do grande Guru, e assim alcançando um estado elevado, a pessoa iluminada desfruta de bem-aventurança.

8. A pessoa contemplativa cuja mente está imersa em sua própria natureza, que é existência-consciência-bem-aventurança, pela graça de seu Guru, é iluminada e se deleita, livre da noção de "eu", com sua mente transbordando de felicidade.

9. O grande asceta cuja mente é esfriada pelas ondas de compaixão do Guru se deleita só e à vontade em bem-aventurança incomparável.

---

[1] Paramasivendra era o Guru de Sadasiva Brahmendra.

[2] No estado de vigília também cada um está sob a influência da Maya. Ele vê o mundo que não é real e, portanto, o estado de vigília também é como um sonho. É só quando obtém autoconhecimento que ele é despertado do sono de Maya e realiza a sua identidade com Brahman que é bem-aventurança suprema. Apenas alguns indivíduos excepcionais que adquiriram as qualificações necessárias como o desapego total, etc., podem alcançar o autoconhecimento.

10. O asceta nobre cuja escuridão interior (ignorância) foi removida pelos raios do sol em forma da compaixão do grande Guru permanece no oceano de bem-aventurança ilimitada.

11. O contemplativo calmo que fundiu mentalmente os cinco elementos em ordem oposta à da criação realiza o Eu que é o que resta.[3]

12. Tendo decidido mentalmente que todo esse mundo é insubstancial, sendo apenas o produto de Maya, ele (a pessoa iluminada) se move por toda parte sem nenhuma expectativa, livre de orgulho, vaidade e inveja.

13. No Eu puro não há Maya nem seus efeitos em absoluto. O yogue que chegou a essa conclusão definitiva é cheio de bem-aventurança suprema interiormente.

14. Desprovido de conceitos (ou distinções) em forma "eu" e "você", aceitando alegremente o comportamento variado das pessoas, ele se diverte sozinho, como uma criança, imerso no oceano de bem-aventurança pura.

15. O grande asceta, que foi purificado de todo o karma acumulado, vagueia nos interiores de florestas sempre se deleitando no Eu, parecendo exteriormente um idiota, ou um homem surdo ou cego.

16. O conhecedor de Brahman desfruta no belo abrigo de sua própria bem-aventurança, sozinho, totalmente oculto (desconhecido para o mundo) por causa de sua natureza quieta, livre do desejo de todo outro conhecimento.

17. O grande asceta, tendo extirpado o inimigo em forma de (desejo por) objetos dos sentidos, e adquirido a grande riqueza que é o desapego, reina supremo em seu próprio reino que existe em forma de bem-aventurança gloriosa que é a sua própria natureza.

18. Mesmo que os raios do sol se tornem frios, ou a lua se torne quente, ou uma chama vá para baixo, o Jivanmukta não fica surpreso, sabendo que tudo isso é apenas Maya.

19. A pessoa que adquiriu autocontrole supremo se diverte na extremamente bela morada da bem-aventurança, tendo vencido o inimigo em forma de ignorância e montado no elefante do conhecimento.

20. Uma pessoa rara que desfruta do estado de existência-consciência-bem-aventurança brilha, livre do defeito do ego, com a mente bem concentrada, calma como a lua cheia.

---

[3] A Taittiriya Upanishad diz que os cinco elementos sutis nasceram na seguinte ordem: o éter nasceu primeiro do Eu (Brahman). Do éter nasceu o ar, do ar o fogo, do fogo a água e da água a terra. O presente verso diz que o efeito deve ser fundido na causa, mentalmente. O elemento terra deve ser fundido em sua causa, a água, ou seja, a terra não tem alguma existência além de sua causa, a água. Então a água deve ser fundida em sua causa, o fogo; o fogo deve ser fundido em sua causa, o ar, e o ar em sua causa, o éter. Enfim, o éter deve ser fundido em sua causa, o Eu ou Brahman. Assim alguém realiza que Brahman é a única realidade e é a sua própria natureza real.

21. Imerso no gozo de sua própria bem-aventurança natural, residindo em alguma outra morada (no corpo que ele não considera como dele), ele às vezes medita, às vezes canta, às vezes dança, à vontade.

22. O iluminado, intocado pela mancha do pecado, livre de resoluções e confusões mundanas, que negou o conjunto de efeitos (ou seja, percebeu que os produtos de Maya não têm realidade), permanece estabelecido na plenitude (de Brahman).

23. Tendo apanhado com sucesso o cervo inconstante que é a mente na rede da meditação, cansado de vagar pela floresta dos Vedas, o sábio repousa em sua própria natureza. (Ele fixa sua mente no Eu, afastando-se até do estudo dos Vedas, quando ele adquiriu o conhecimento que está contido neles).

24. Uma pessoa extraordinária, tendo matado o tigre cruel que é a mente com a lâmina afiada da espada que é o intelecto corajoso, passeia à vontade na floresta que é o destemor.

25. O sol em forma de um grande asceta livre de mácula se move no céu que é consciência pura, espalhando os seus raios que fazem florescer os lótus em forma de corações dos bons.

26. A lua em forma de grande sábio imaculado brilha na morada de Vishnu adorado pelos deuses. Ela é a causa do florescimento do nenúfar em forma de conhecimento e destrói a escuridão da ignorância com sua luz. (O nenúfar floresce quando a lua nasce).

27. O grande yogue brilha no céu da consciência pura, removendo as tristezas nas mentes (de outros) pela aspersão do néctar em forma de sua própria bem-aventurança natural e com a sua própria mente permanecendo firme sem nenhum outro pensamento.

28. Ele se diverte no jardim da consciência-bem-aventurança, com toda a fadiga removida pela propagação da fragrância encantadora de sua mente pura e sendo ele mesmo a brisa encantadora do autocontrole.

29. O pavão maravilhoso que é o asceta brilha na floresta, que é livre do medo, na qual há o delicioso fruto da libertação, e que cativa a mente com suas folhas tenras em forma de conhecimento puro.

30. O cisne supremo se diverte à vontade na consciência pura que é um lago soberbo que está cheio de água da bem-aventurança, tendo abandonado o deserto insubstancial que é o mundo.

31. O cisne em forma de um grande asceta gorjeia com palavras doces e amáveis no jardim fresco das upanishads, onde todos os Vedas brotaram.

32. O leão majestoso em forma de pessoa iluminada se diverte na vasta floresta de bem-aventurança, depois de ter despedaçado o elefante em forma de ilusão e orgulho, e afugentado o tigre em forma de todos os males.

33. O poderoso elefante em forma de asceta se move resplandecente, no topo do pico da iluminação do qual a fera da ignorância foi expulsa, com mente e corpo tão frescos quanto a água.

34. O asceta extraordinário senta-se nas margens de rios, meditando sobre a Realidade suprema, com os olhos fixos na ponta do nariz e a mente afastada de nomes, etc. (nomes e formas que constituem o mundo inteiro).

35. Vitória ao sábio que tem para vestir apenas as direções, que é sempre contemplativo, que é adornado pela ausência de desejos, que é calmo, que tem apenas suas mãos como recipiente para receber esmolas e cujo local de moradia é o pé de uma árvore.

36. O grande asceta se deita em um lugar deserto ao lado de um rio coberto de trepadeiras, ou em um leito de areia macia e adorável, sempre desperto para a Realidade que é a consciência-bem-aventurança.

37. O rei entre os ascetas brilha com a terra macia como cama, abanado pela brisa fresca, de mente calma e com a lua cheia como lâmpada.

38. O grande asceta dorme em um grande chão de pedra, rodeado pela água pura de um córrego, onde sopra uma brisa suave da montanha.

39. O grande sábio, sempre meditando sobre o Indescritível, vagueia nas ruas comendo apenas um punhado de arroz recebido como esmola, parecendo exteriormente uma coisa inerte.

40. Depois de ter fundido o universo inteiro, entregando-se à Realidade indivisa que permanece, ele come apenas um bocado de alimento devido ao seu praarabdha karma.

41. O yogue não critica ninguém nem elogia ninguém. Seu coração é frio como pasta de sândalo. O tesouro de bem-aventurança brota nele.

42. O yogue permanece como uma chama inabalável, tendo renunciado a (o estudo de) todas as escrituras, abandonado as atividades mundanas de todos os tipos, e tendo alcançado o estado de plenitude.

43. O yogue vagueia despercebido pelas florestas, com seu corpo manchado de lama agarrando-se à grama, dando ao mundo o mesmo valor que uma folha de grama, livre da fadiga, tendo ido além da velhice e da morte.

44. O yogue permanece como um tronco de madeira em uma postura firme, de maneira incomparável, não vendo nenhuma forma, e não falando nem ouvindo nenhuma palavra.

45. O grande asceta se move por toda parte despercebido, livre de qualquer orgulho sobre sua linhagem, vendo a plenitude (Brahman) em todas as criaturas em todos os lugares, parecendo um homem ignorante, embora ciente da verdade de todos os Vedas.

46. Com seu ombro como travesseiro, a terra como cama e o céu como coberta, ele dorme, dominado pela bem-aventurança, abraçando a donzela do desapego.

47. O maravilhoso rei dos ascetas se diverte nos aposentos internos das upanishads com as cortesãs adoráveis em forma de sua própria consciência da qual as noções de diferença partiram.

48. Tendo ascendido à mansão da Realidade através do caminho largo do desapego bem iluminado pela poderosa lâmpada do conhecimento, o grande asceta desfruta com a donzela em forma de libertação.

49. O conhecedor do Eu usa uma guirlanda de lótus em forma de lugares não frequentados por pessoas, é adornado pela trepadeira realizadora de desejos em forma de desapego em relação às mulheres, e consome a pílula de néctar em forma de desonra (pelos ignorantes). (A ideia é que ele fica apenas em lugares desertos, não é de todo atraído por prazeres sensuais e acolhe desonra em vez de honra).

50. O sábio não rejeita nada com base no fato de que é prejudicial, nem aceita nada com base no fato de que é favorável. Sabendo que tudo é produto da ignorância, ele é indiferente. (Ele é completamente livre de noções de gostos e desgostos, do que é favorável e do que não é).

51. A sua mente não se demora sobre qualquer coisa que tenha acontecido no passado, nem ele pensa no futuro. Ele não vê nem as coisas na frente dele, considerando tudo como o mesmo (Brahman).

52. O grande asceta se move por toda parte, com todos os órgãos sob controle, desprovido de desejo por todos os objetos dos sentidos, e tendo atingido o auge da satisfação suprema.

53. O grande sábio fica sozinho, calmo em mente, desfrutando de sua bem-aventurança interna, não rejeitando nada que vem, nem desejando nada que ele não tem.

54. Tendo atingido um estado indescritível de pura bem-aventurança, consciência e vigília, o asceta se move sozinho, à vontade, livre de todos os vínculos.

55. O rei entre aqueles que se libertaram de todos os apegos brilha, não dependente de ninguém, com sua mente imersa na Realidade na qual todas as atividades mundanas foram sublimadas.

56. O asceta da mais alta ordem brilha, tendo realizado a sua identidade com a Consciência infinita pelo olhar de seu Guru, e tendo se livrado de todas as noções de diferença.

57. Indo além dos grilhões de varna e ashrama, e além de limitações tais como destino, etc., o grande asceta permanece como pura bem-aventurança e consciência.

58. Tendo posto fim a toda ação, e tendo esgotado seu praarabdha, livre de associação com o corpo, a pessoa iluminada torna-se o próprio Brahman.

59. Existe apenas a existência pura indescritível, calma, sem começo nem fim, sempre uma massa de bem-aventurança e consciência, imutável, primordial e não-dual.

60. Há a Realidade suprema que é imperecível, sem decadência, não-nascida, extremamente sutil, absolutamente pura consciência, livre de toda miséria.

61. Há aquela Realidade indescritível que é supremamente bem-aventurada, imortal, não distante, a própria essência, a margem do oceano de existência transmigratória, homogênea, livre de medo e infinita.

62. A Realidade indescritível brilha eternamente. Ela não tem sabor, aroma nem forma. Ela está além dos três gunas – sattva, rajas e tamas. Ela é incomparável (porque não existe outro com o qual comparar) e além de todo medo.

63. Assim, pelos graciosos olhares compassivos do meu Guru eu apresentei a essência das upanishads em sessenta e dois versos perfeitos na métrica Arya.

64. Meditando sobre esse Atmavidyavilasa composto (por mim) todos os dias o homem sábio adquire conhecimento do Eu supremo e alcança a Realidade.

65. Essa obra, chamada Atmavidyavilasa, composta por Sadasivendra, o discípulo do Guru Paramasivendra, está assim concluída.